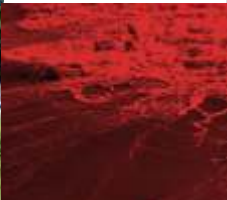


apoio:



realização:



CADERNO DE TEXTOS O QUE RESTA APÓS

Ana Maria Albani de Carvalho
Bruna Fetter
Camila Schenkel
Eduardo Veras
Sandro Ka
org.





CADERNO DE TEXTOS
O QUE RESTA APÓS

FICHA TÉCNICA - CADERNO DE TEXTOS

Organização

Ana Maria Albani de Carvalho
Bruna Wulff Fetter
Camila Monteiro Schenkel
Eduardo Ferreira Veras
Sandro Ka

Textos

Ana Maria Albani de Carvalho
Bruna Wulff Fetter
Eduardo Ferreira Veras

Revisão

Bruna Wulff Fetter
Camila Monteiro Schenkel
Eduardo Ferreira Veras

Textos críticos

Anaurelino Barros Neto
Carolina Knies
Cerise Gomes
Júlia Brown
Mariângela Machado
Rosângela Cardoso
Paula Bohrer
Fernanda Medeiros
Carina Dias
Verônica Vaz
Gabriel Cevallos
Letícia Lau
Mariah Teixeira
Marina Chiapinotto
Fernanda Almeida

Apoio e Assessoria técnica

Andressa Cristina Gerlach Borba

Design e editoração

Sandro Ka



CADERNO DE TEXTOS O QUE RESTA APÓS

Ana Maria Albani de Carvalho
Bruna Fetter
Camila Schenkel
Eduardo Veras
Sandro Ka
org.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C122

Caderno de textos : o que resta após / Ana Maria Albani de
Carvalho (Org.) ... [et al.]. – Porto Alegre: Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, 2021.

95 p.
(Série Práticas curatoriais, v.2)
ISBN 978-65-5973-074-2 (E-book .pdf)

1. Curadoria de arte I. Carvalho, Ana Maria Albani de II. Fetter,
Bruna III. Veras, Eduardo Ferreira IV. Cardoso, Sandro Ouriques

CDU 7.075

Bibliotecária responsável
Catherine da Silva Cunha
CRB 10/1961

PORTO ALEGRE
2021

UFRGS

LIÇÕES DE CASA

EDUARDO VERAS

Professor do Instituto de Artes da UFRGS,
responsável pela disciplina
Laboratório de Textos Crítico-Curatoriais

Em um poema tão breve como adorável, Rudyard Kipling recupera o que terá experimentado o primeiro ser humano diante do primeiro pôr-do-sol. Imagina o escritor britânico que “nosso pai Adão” recostou-se em uma árvore e, com a ajuda de um graveto, riscou uma linha no chão. O autor desse tosco e inaugural desenho comprazia-se consigo mesmo, percebendo que de alguma forma tinha reproduzido a emoção original, quando o diabo lhe espiou sobre o ombro e cochichou por trás da folhagem: “É bonito, mas será Arte?”.

A anedota retorna aqui com o mesmo propósito que já aparecia na citação feita por Alberto Manguel: não se trata de apontar o quanto há de inconveniência ou mau humor no exercício da crítica de arte, mas, antes, de sublinhar sua longevidade e persistência (2001, p. 30). Parece que, desde sempre, a criação artística calha de ser acompanhada por algum comentário. Ao impulso de invenção, segue-se de modo incontornável o desejo de dizer.

Nos dias que correm, os discursos críticos vêm se afastando cada vez mais da crítica de matiz mais ontológico, como a do demônio de Kipling (é ou não é arte?), mas também daquela de ambição judicativa (é ou não é bom?), formulada por Denis Diderot no séc. XVIII e consolidada no pós-guerra, com Clement Greenberg e seus numerosos seguidores.

Os esforços da crítica contemporânea aparentemente concentram-se mais em tentativas de *entendimento* – seja das obras em exame, seja de quem as examina, a partir daquilo que as peças nos provocam, como dúvida ou perturbação. Talvez mais ainda: a prática do comentário reflexivo, de forma consciente ou não, não mais ambiciona reduzir o objeto artístico a julgamentos de gosto ou decifrações de sentido. Com sorte, como sugere Hubert Damisch, essas tentativas hão de nos ajudar a “pensar noutros problemas” (Leal, 2003, p. 9). Qualquer ideia de circunscrição da arte será episódica e provisória.

Os textos que se apresentam no presente caderno, ainda que modestamente, perseguem essa trilha. Foram produzidos em contexto de sala de aula na disciplina Laboratório de Textos Crítico-Curatoriais, na Especialização em Práticas Curatoriais, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A pretensão, aqui, não era *formar* críticos de arte, ou encontrar fórmulas seguras de enfrentamento às obras artísticas. Buscou-se, antes de tudo, a consciência da possibilidade de prazer, tanto na leitura quanto na escrita. Que o texto não fosse um entrave, nem para quem lê nem para quem escreve, mas, antes, uma razão a mais de contentamento e experiência diante da arte e de seus objetos.

10 Depois de uma série de tarefas, em que se buscou narrar uma experiência estética inaugural, responder a um questionário absurdo, recuperar o sentido original de palavras como *saudade*, identificar autores exemplares e tentar imitá-los, a turma voltou a atenção à exposição *O que resta após*, curadoria coletiva do próprio grupo de discentes. A mostra, realizada em 2019, na Pinacoteca Ruben Berta, em Porto Alegre, a partir do acervo da casa (mais peças da Pinacoteca Aldo Locatelli e do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul) buscava o diálogo – e o atrito – com obras contemporâneas.

Além de produzir os textos para o catálogo que se seguiu, integrantes dessa primeira turma de Práticas Curatoriais dedicaram-se a comentários pontuais sobre certas obras, além de exercícios de aproximação e analogia entre duas ou três delas; houve ainda quem se arriscasse na crônica. São exercícios de aula, mas, quem sabe, logram reproduzir as emoções, as percepções e as reflexões que alguém experimentou diante da arte – antes que um demônio, no meio da folhagem, viesse soprar sua sentença sobre esses textos: “É bonito, mas será crítica?”.

Referências

- CARVALHO, Ana Maria Albani de (et al.). **O que resta após**. Porto Alegre: UFRGS, 2020. Disponível em <https://www.ufrgs.br/praticascuratoriais/wp-content/uploads/2020/08/Catalogo-O-que-Resta-Apos.pdf>
- LEAL, Joana Cunha. “Entrevista com Hubert Damisch”. In: **Revista do IHA**, n. 3. Lisboa: Edições Colibri / Universidade Nova de Lisboa, 2007, p. 7-18.
- MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.